

# Não às drogas da obediência

**Campanha:** ação chama atenção para o excesso de diagnósticos de hiperatividade e busca combater o uso indiscriminado de medicamentos em crianças com dificuldades de aprendizagem

Karina Fusco – Especial para a Metrópole  
especial.metropole@rac.com.br

**O** Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade e o Conselho Federal de Psicologia lançaram, em meados de julho, a campanha *Não à Medicalização da Vida*, na Câmara dos Deputados, em Brasília. Os objetivos são reacender a discussão sobre o excesso de diagnósticos de hiperatividade em crianças e adolescentes e combater o uso indiscriminado de remédios.

Para se ter uma ideia do tamanho do problema, o Brasil é o segundo maior consumidor de medicamentos para tratamento de distúrbios relacionados ao comportamento e à aprendizagem. “Estamos atrás apenas dos Estados Unidos”, informa Maria Aparecida Affonso Moysés, professora do Departamento de Pediatria da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Ela, que também é membro fundadora do fórum que organiza a campanha e estuda o assunto desde a década de 1970, fala à **Metrópole** sobre o possível exagero no diag-

nóstico das alterações comportamentais, o tratamento com substâncias com ação semelhante à de anfetaminas e da cocaína e a necessidade de pais e professores ouvirem e ajudarem a garotada.

## **Metrópole – O que é medicalização?**

**Maria Aparecida Affonso Moysés** – É um processo que transforma artificialmente os problemas coletivos, sejam eles políticos, econômicos, culturais ou educacionais, em problemas individuais. Todas as diferenças, inclusive no modo de aprender e de se comportar, são transformadas em doenças e passam a ser tratadas, preferencialmente, com drogas psicoativas. Esse é um fenômeno cada vez mais frequente, pois vivemos a “era dos transtornos”, em que tudo que é inerente ao fato de estarmos vivos e vivermos em uma sociedade desigual é apresentado como transtorno neurológico ou neuropsiquiátrico nosso.

**O fato de o Brasil ser um dos maiores consumidores de medicamentos para tratamento de distúrbios de aprendizagem pode indicar uma banalização do**

## **diagnóstico?**

Crianças e adolescentes são os principais alvos da medicalização porque são mais questionadores, briguentos e agitados, os mais liberados das amarras sociais. Com isso, faz-se o diagnóstico exageradamente. Em 2000, foram vendidas 70 mil caixas de medicamentos para tratar distúrbios de aprendizagem no Brasil; em 2010, 2 milhões. Além da quantidade, é assustadora a velocidade do crescimento.

## **A senhora acredita que há exagero?**

Sem dúvida. Porém, não estou dizendo que não há pessoas com comportamentos muito diferentes dos padrões socialmente estabelecidos ou com maiores dificuldades no aprendizado. O que nós questionamos é o enquadramento de todas elas nos diagnósticos de dislexia ou Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) como uma doença neurológica, o que até hoje não tem comprovação científica. No campo da medicina, não é aceita a existência de uma doença neurológica que só altere o comportamento e/ou a aprendizagem.

## **Mas, e os exames que comprovam os diagnósticos?**

Apresentar alterações nos exames e no comportamento não quer dizer que a pessoa tenha uma doença neurológica. O exame de neuroimagem, pretensamente usado para diagnosticar dislexia, por exemplo, apenas reflete se certas áreas cerebrais foram ativadas. Se a pessoa receber um texto em alemão e não tiver conhecimento do idioma, também não conseguirá ler e o resultado será igual ao de um analfabeto. Ou seja, o exame mostra que a pessoa não está lendo, mas não aponta o motivo. Existe um questionamento internacional em relação a isso.